

O QUE DIZIA MINHA MÃE, CUMPRI COMO SENTENÇA”: UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS E A TRANSMISSÃO PSÍQUICA TRANSGERACIONAL

Zuila Kelly da Costa Couto Fernandes de Araújo*

RESUMO:

*O presente artigo propõe uma discussão a respeito de como se processa a transmissão psíquica transgeracional a partir da novela **Quero minha mãe** da escritora brasileira contemporânea Adélia Prado. Tomando por norte uma crítica psicanalítica de base freudiana, aliada às contribuições de estudiosos como Trachtenberg, Kancyper, Graña e Piva, entre outros, teceremos nosso estudo refletindo sobre a forma como a narrativa moderna tem tratado dos colapsos e das confusas intersecções entre sujeitos e gerações.*

PALAVRAS-CHAVE: *Psicanálise; Relações intersubjetivas; Transmissão psíquica transgeracional.*

INTRODUÇÃO

As narrativas modernas engendradas no contexto contemporâneo têm contemplado os mais variados temas e motivos no processo de escrituração do texto literário; especialmente àqueles ligados aos contrastes sociais vivenciados por sujeitos identificados com grupos de minorias.

Contudo, como nos leva a pensar Paul Ricoeur (2007, p. 93), a mímese em literatura não diz respeito apenas a esta base prefigurada de realidade, mas também da configuração e da refiguração que se fabricam a partir desse primeiro contato com o real, transformando-o a partir das relações intersubjetivas estabelecidas entre autor/texto/leitor.

É neste sentido, como nos assegura Valdés, que compreendemos as metáforas literárias quando conseguimos processar a forma pela qual a ação, os objetivos, os planos humanos, as iniciativas, as intenções, a interação, a queda e a ascensão de destinos pessoais; juntos e imbricados, constituem a invenção semântica peculiar ao modo narrativo (Cf.: VALDÉS, 1996, p. 152)

Dessa forma entendemos que as narrativas literárias modernas apresentam-se como lócus em que se estabelece o jogo entre identidades, a saber: a identidade do autor, do texto e do leitor, ou mais ainda a identidade das personagens, do narrador,

etc. Sendo por isso o lugar primordial do reconhecimento e da negociação entre subjetividades e alteridades.

Ao evidenciarmos este aspecto, estamos também contemplando a possibilidade de diálogo entre gerações que se coloca a partir da atividade literária; afinal ao entrarmos em contato com os textos literários deparamo-nos com as mais variadas formas de relacionamento entre pais e filhos, mães e filhas, avós e netos, irmãos e tios; ou ainda se ampliarmos a abrangência do termo, entre escritores e seus influenciadores antepassados, entre textos de épocas diferentes, ou seja, entre sujeitos e todas as suas possíveis gerações.

Em nosso trabalho pretendemos ressaltar as peculiaridades do diálogo que se instaura entre mãe e filha na novela *Quero minha mãe* da escritora Adélia Prado, a partir de um enfoque psicanalítico, percebendo o diálogo não apenas do ponto de vista da interação linguística, mas ainda mais como forma de se fazer presente no outro, de fazer transitar entre sujeitos distintos um mesmo discurso.

1. Adentrando ao universo adeliano

A produção literária da escritora Adélia Prado chama-nos a atenção por se tratar de uma escrita se mostra dissonante de toda uma euforia feminista que se tornava cada vez mais consolidada entre o grupo de escritoras brasileiras da década de 1970. Ao contrário da maioria das autoras, Adélia priorizava em seus textos a constante recorrência à temática da família, da religiosidade, de uma certa tradição.

Este fato já nos instiga a observar como tal autora processa este diálogo com as escritoras de sua geração partindo de uma escrita que transgride a partir da tradição. Porém, a leitura da novela que constitui o nosso *corpus* de análise nos apresentou questão ainda mais provocadora, ao apresentar o relato de uma senhora que aos sessenta anos se enxerga doente, velha, e sentenciada a cumprir a sorte que lhe destinou a mãe desde a infância.

Em *Quero minha mãe*, Adélia constrói uma narrativa fragmentada, cheia de lapsos, idas e voltas, que ajudam a configurar a história de uma filha que sempre fora atravessada, interdita, determinada pelo dizer de sua mãe. O fato de a personagem ser uma mulher de terceira idade não exclui o foco em sua personalidade pueril, insegura, influenciável.

Assim sendo, ao analisarmos tal obra, buscaremos discutir sobre a forma como essa relação intersubjetiva entre mãe e filha foi determinante nas vivências de todos os outros relacionamentos da personagem, revelando a pertinência do conceito psicanalítico de transmissão psíquica transgeracional.

2. Desvendando conceitos

O diálogo entre gerações proposto como temática fulcral nos direcionou para uma abordagem psicanalítica das relações intersubjetivas entre adultos e crianças, em nosso caso mãe e filha, em virtude das possibilidades interpretativas abertas a partir deste olhar.

Comungamos com o pensamento de Joachin (2009, p. 1) ao afirmar que:

A Psicanálise preenche, portanto, o lugar de um importante recurso hermenêutico do que uma pesquisa entre gerações deve lançar mão de todas as vezes que for necessário na interpretação dos personagens, dos comportamentos, das situações, dos enunciados e enunciações, dos gestos, tons, silêncios.

Partindo de tal opção metodológica, entendemos que é preciso que definamos e delimitemos a abrangência e a aplicabilidade de determinados conceitos da psicanálise que se apresentam como fundamentais para a fundamentação de nossa atividade analítica.

De início, pensemos no conceito de transmissão. Norteados pelo dizer de Trachtenberg, tomamos o termo transmitir no sentido de fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história ou afetos de uma pessoa a outra, de um grupo a outro, de uma geração a outra.

Em segundo lugar, é preciso que façamos a distinção do termo transmissão psíquica, que é a influência que se passa de uma geração a outra. Essa pode ocorrer de duas maneiras distintas, as quais: transmissão psíquica intergeracional, que acontece entre as gerações, mantendo-se distância entre transmissor e receptor, preservando-se as bordas da subjetividade; e transmissão psíquica transgeracional, que ocorre através dos sujeitos e das gerações.

Para nós interessa esta última definição, tendo em vista que nossa análise toma como objeto as relações intersubjetivas entre mãe e filha, ou seja, em que os sujeitos estão diretamente envolvidos no processo de transmissão, não havendo espaços entre transmissor e receptor (Cf.: TRACHTENBERG, 2004, p. 135).

Ao pensarmos sobre a temática da transmissão transgeracional, estamos propondo uma possibilidade de compreensão do sujeito como herdeiro de múltiplas experiências ancestrais, que tanto o enriquecem como podem torná-lo prisioneiro de uma história que não é a sua. Nesse sentido a transmissão transgeracional nunca é passiva: existe sempre um processo ativo, ela deixa sua marca no sujeito através de complexas operações de reinscrição e transformação que serão sempre únicas, singulares.

É justamente este processo que permite a cada geração situar-se em relação às outras, bem como inscrever cada sujeito em uma cadeia como pertencente a um grupo, dono de uma história e de um lugar. Entretanto, no texto de Adélia, encontramos-nos exatamente em outro extremo, no qual o herdado é apenas acatado, sem elaboração, e por isso podemos afirmar que neste caso o herdado adquire então, o *status* de um destino a cumprir (Cf.: PIVA, 2006, p. 137).

Neste caso, dizemos que a transmissão psíquica geracional, observando-se do ponto de vista da natureza e da essência do elo criativo entre as gerações, ocorreu de forma defeituosa, ou ainda, foi interrompida; já que as histórias de seus personagens estão colapsadas, coladas umas às outras.

De toda esta discussão o mais importante é que se entenda que a transmissão psíquica transgeracional se realiza através da transmissão de conteúdos não-ditos, não-nomináveis e não-representáveis de uma geração a outra, sendo estas subsequentes ou intercaladas; não é necessário que o outro fale, ensine, mas é na própria troca intersubjetiva que se instaura a transmissão. Desta maneira lacunas, vazios e mal-entendidos irão ocorrer nos processos de transmissões psíquicas inconscientes, ocasionando uma série de repetições e tentativas de elaboração destes conteúdos impossíveis de serem simbolizados por não terem palavras (Côrrea, 2000, p. 38; Granjon, 2000, p. 55).

3. Tecendo relações

A história de Olímpia, personagem protagonista do livro *Quero minha mãe*, se constrói a partir de uma narrativa fragmentada, não-linear, que reúne subjetividade e cotidiano entrelaçados por vários recortes de instantes marcantes da vida desta mulher.

O título já apresenta-nos já como uma chave interpretativa para a leitura deste texto: trata-se da confissão de seu mais profundo e íntimo desejo – o desejo da mãe. A escolha deste título nos faz entrever ainda uma caracterização inicial da personagem, fisicamente uma senhora de idade, com um repertório farto de experiências, mas que esconde a sempre criança, frágil, desejante, incompleta e sedenta pelo reconhecimento e proteção de seu primeiro objeto de desejo.

Diante de uma doença em estado terminal, Olímpia vê-se sentenciada a cumprir um destino que “desde mocinha” lhe foi confiado, ela sabe que toda a sua vida foi uma prece para a morte. É interessante ver como a personagem associa este destino ao discurso de sua mãe:

O que dizia minha mãe, cumpri como sentença.

(...)

Desde mocinha ajudo moribundos a fechar os olhos. Você reza tão bonito, Olímpia, dá pra passar a noite com Vó Augusta? Piedosa, íntima de responsáveis, da terrível beleza dos atos de contrição. (PRADO, 2005, p. 24)

Neste trecho a fala da mãe é entendida como determinante na jornada da filha que primeiro ajuda a avó a “fechar os olhos”, e num virar de página, chega o momento de conduzir também a própria mãe na hora da morte. Em um breve capítulo de uma página, a autora faz questão de narrar a morte de sua mãe de forma isolada e central no livro, constituindo-se como uma das passagens mais significativas da obra.

Quando ajudei minha mãe a morrer, era mocinha que escondia o coração aos arrancos, por causa dos engenheiros bonitos que na ferrovia em obras pediam água em nossa casa. Reza, filha e toma conta da Joana. De nós todas, penso que a mais órfã é Graça, a mais maternal, a mais sábia, a que tem de nossa mãe apenas a imprecisão de um vulto. Mãe quantas vezes te vi alegre sem ser por gosto da tristeza? Quando a senhora pedia meus lápis de cor, pegava-os de um jeito que eu queria esconder-me, fugir da sensação esquisita de prazer pagão desagradando a Deus. Só goze a festa em suas providências. Começou o baile? Já chega, dançar também já é demais. Eu, Graça e Joana fomos afetadas e, ainda que loucas pra namorar e casar, demoramos a nos tornar mulheres comestíveis. (PRADO, 2005, p. 27)

A morte da mãe coloca Olímpia numa condição extremamente contraditória aos seus desejos de mocinha. Sua vontade era toda para os engenheiros bonitos, mas ao invés de realizar plenamente seu desejo sexual, ela se vê obrigada a cuidar das irmãs mais novas e com o passar do tempo, tornar-se, juntamente com elas, mulher comestível, assim como fora sua mãe.

A transmissão psíquica entre mãe e filha parece aflorar exatamente na fase em que não são mais as palavras da mãe que soam aos ouvidos de Olímpia, mas a memória de um discurso e de uma vida marcada pelos ditames de sua geração. Em uma sessão com a analista a personagem confessa

Estou me lembrando de minha mãe, morreu num mês de setembro, a três meses da minha formatura no ginásio, cercada de travesseiros, os lábios muito roxos, puxando o ar, minhas tias, meu pai, meus irmãos em volta. Eu voltava da escola e, assim que abri o portão, pressenti o sinistro, o ruim da vida. O livro de reza ficou comigo, e tão alto quanto ela pedindo ajuda eu rezava por ela na hora em que a vida mais a horrorizava. Quando volta esta imagem tenho a impressão de recuperar o que disse naquele momento, segundo tia Ceição: “Olímpia, vai botar ao menos uma palha no pé, agora mesmo a casa enche de gente.”. Me lembro do olhar dela, sem doçura, olhar de mando e medo, “reza, Olímpia, reza, minha filha”, a oração dos agonizantes. (PRADO, 2005, p. 20)

Mesmo quando a personagem tenta romper com a interdição da mãe, sua fala parece muito mais tentar justificar a transgressão do que libertar-se dela.

Preciso curar-me, colocar meus tesouros em outro lugar. Será que a mãe gostava de jóias? A única, a única mesmo era a aliança oitavada. Não tinha relógio, nem brincos, meu deus, mais despojada que uma Clarissa no mosteiro. Só tinha os olhos verdes, o belo corpo e a alma aterrorizada de ir para o inferno. Eu comprei um pingente pelo preço do salário da Ivonete, nem por isso sinto que vou danar-me. (PRADO, 2005, p. 17)

A fala de Olímpia é contraditória às suas atitudes. Ela diz que não sente que vai danar-se, mas preocupa-se onde vai depositar seus tesouros, tem ânsia por curar-se. Detalhe bastante importante também a ser observado, pois a cura, aqui, não é apenas do câncer que lhe corrói o corpo, mas do câncer que lhe toma a alma, a vida. É a predestinação para a morte que sempre lhe acompanhou, e que nesta etapa da vida, ela sente que está cada vez mais próxima a cumprir-se.

Em pleno sentimento de identificação com a mãe três afirmações são de extrema relevância para entendermos o percurso da transmissão psíquica vivenciada pela personagem: “Mãe, que dura e curta vida a sua.”, “O que possuo me foi doado.” e “Ô mãe, mãezinha, mamãezinha, mamãe, e o reino do céu é um festim, quem escondeu isto de você e de mim?”. Nestas três frases conseguimos traçar um percurso em que é possível perceber a forma como a cada instante de sua vida a filha vai se identificando cada vez mais com a mãe, até depararem-se com o reino do céu, que acaba sendo surpreendente tanto para uma quanto para a outra.

De maneira bastante suave, como é comum em seus textos, a autora conclui a narrativa com a mais desejada constatação de sua vida, com a calma e a certeza de que “minha mãe me quer”.

CONCLUSÃO

Nesta breve reflexão que propomos a partir do texto adeliано, intentamos aguçar o diálogo a partir da observação das relações intersubjetivas no âmbito familiar, como *lócus* da transmissão psíquica transgeracional. Obviamente, há muito ainda que ser dito sobre o tema, nessa como em outras obras da escritora é recorrente a presença de temas passíveis e análise psicanalítica.

Entretanto, nosso objetivo maior com este artigo foi provocar uma discussão que levasse em conta o texto literário como espaço de diálogo entre gerações e de configuração e refiguração das relações que se estabelecem entre os sujeitos e seus conflitos transgeracionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. A casca e o núcleo. São Paulo: Ed. Escuta, 1995.

GRAÑA, Roberto B.; PIVA, Angela B. S. A Atualidade da Psicanálise de Adolescentes. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2004.

JOACHIN, Sébastien. Elementos de Psicocrítica. MLI, Semestre II, 2009. Manuscrito.

KANCYPER, L. Confrontação de gerações - Estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PIVA, Angela (Org.). Transmissão transgeracional e a clínica vincular. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2006.

PRADO, Adélia. Quero minha mãe. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RICOEUR, Paul. Percurso do reconhecimento. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

TRACHTEMBERG, A. R. C. Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre as gerações. São Paulo, Casa do Psicólogo: 2005.

VALDÉS, Mario J. Paul Ricoeur e a teoria literária. In: BITTENCOURT, Gilda (Org.) Literatura comparada: teoria e prática. Porto Alegre: Sagra D.C. Luzzatto, 1996.